(AVENÇADO)

O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º — N.º 1376

Sábado, 3 de Abril de 1943

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

UM HOMEM

Quando me chegou à aldeia onde passo, como se sabe, três dias na semana, a notícia da morte de Lourenço Peixinho, confesso a minha fraqueza—chorei. Deslizaram-me pelas faces algumas lágrimas de sentimento.

Lourenço Peixinho pertencia à minha geração. Era aveirense e ambos frequentámos o liceu, sendo contemporâneos, companheiros, amigos. Concluídos os preparatórios, cada um de nós remou para seu lado e só nas férias nos voltavamos a encontrar. Até que eu e ele caímos, de novo, em Aveiro e aqui fixámos residência definitiva volvidos que foram alguns anos. Mas um dia, Lourenço Peixinho, médico, já com vasta clientela, do que se há-de lembrar? Tendo-se iniciado a edificação dum novo hospital por insuficiência e má localização do antigo, mesmo no centro da cidade, ao lado da igreja da Misericórdia, e achando-se as obras paralizadas devi do à falta de recursos, de que se há-de lembrar Lourenço Peixinho? Conclui-las, acabá-las, dotar a sua, a nossa terra, com um hospital à altura. E meteu ombros à empresa. E tanto andou, tanto fez, tais voltas deu que um dia o hospital surgiu para a sua função, deixando os aveirenses abismados. Foi êsse o seu primeiro passo na vida pública. Foi assim que êle principiou a sua carreira em benefício de nós todos.

* * *

Em certa altura surgem umas eleições de Câmara. O nome de Lourenço Peixinho é lembrado para a presidência. Acrescenta-se que à sua actividade, ao dinamismo do fogoso aveirense, então na pujança da vida, devia ser confiada a administração do município porque ele daria conta do recado melhor do que ninguém. Fomos dos que acompanharam o côro, aplaudindo, com entusiasmo, a candidatura. No dia da votação, a lista em que figurava o nome de Lourenço Peixinho venceu—triunfou! E a cidade veio para a rua exteriorizar o seu júbilo e nós rejubilámos, também, tal a confiança que nele depositavamos pelas provas dadas anteriormente.

* * *

Aveiro, minha terra: não esqueças o que ficaste devendo a êsse homem de extraordinária energia e visão, que há pouco se finou. Olha que dificilmente encontrarás outro que o substitua, o suplante ou chegue a igualá-lo. Lourenço Peixinho afirmou-se pela sua actividade, pela sua inteligência, pelo seu carácter, pela sua modéstia e—o que é mais—pelo seu desinterêsse e espírito de sacrifício. E hoje o que predomina é o egoismo, havendo pouco quem se entregue à prática do bem comum.

Aveiro, minha terra: revê-te na obra de Lourenço Peixinho. Lembra-te de que arrancou o edifício do hospital às inclemências do tempo, ao abandono, à podridão; que durante 25 anos ininterruptos esteve à frente dos destinos do concelho, ao qual se dedicou de alma e coração, dotando-o com obras de vulto, da maior importância, que são o nosso orgulho; e que, finalmente, tem direito ao reconhecimento dos que ficaram—à sua gratidão, uma das maiores virtudes da pessoa humana.

JOÃO DO CAIS

GEOGRAFIA DE PORTUGAL

Vai a caminho de se concluir esta importantíssima obra de que é autor o professor da Universidade de Coimbra, sr. doutor Amorim Girão, e que sai das oficinas da *Portucalense Editora*, do Pôrto, com requintado esmêro gráfico.

O fascículo n.º 13 foi agora distribuído, faltando, portanto, só dois para que o trabalho fique completo dentro em breve.

SANEAMENTO

Há muito que fazer nêste capítulo, pois o sugo continua a correr pelas valetas na Rua de Ilhavo, à entrada da cidade, e no bairro de Sá onde a imundície se aglomera a olhos vistos.

Também não há razão de existirem fossas nuns quintais da Avenida Araújo e Silva, visto o respectivo colector passar ali próximo.

ARTIGO

Por ter chegado tarde à Redacção o do nosso ilustre colaborador dr. Alberto Souto, só na próxima semana será publicado.

Que nos desculpe o talentoso aveirense.

Relatório

Recebemos o da Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas, que desde a data da fundação, em 16 de Maio de 1864, tem prestado relevantíssimos benefícios, acusando a sua gerência de 1942 um saldo de 2.148$43.

O préstimo desta Associação para a classe operária era para ter um número mais avultado de sócios. Mas como nem todos se lembram do dia de àmanhã e das infelicidades que possam surgir...

Novo colaborador

O Democrata começa hoje a apresentar nas suas colunas a colaboração do sr. dr. Joaquim Dá Mesquita Paúl, um dos velhos republicanos do Porto.

Grande coração, que passou tôda a mocidade a ensinar e a acarinhar creancinhas desprotegidas da sorte, o sr. dr. Dá Mesquita é ainda um espírito môço e um temperamento mimoso de poeta, cujo lirismo os nossos leitores muito irão apreciar.

Dando-lhe as boas-vindas, cumprimentamo-lo afectuosamente.

Mais duas mortes

No livro do registo dos assinantes dêste jornal acaba de ser riscado o nome do sr. dr. António Rodrigues Cosme, de S. Lourenço (Anadia) que faleceu, deixando um nome respeitável em todo o concelho, onde era estimadíssimo. Muito velhinho já, era assinante do *Democrata* desde o seu aparecimento.

Também na Covilhã deixou de existir o sr. José Ramalho, que foi director de *O Raio*, semanário republicano e regionalista, que muito se evidenciou pela sinceridade da sua acção.

Sentimos o desaparecimento de ambos.

«O Democrata»

Ainda sôbre o nosso aniversário, respigamos do último número de *O Regional*, de S. João da Madeira, publicado esta semana:

Completou 35 anos de existência êste nosso presado colega que se publica em Aveiro sob a direcção de Arnaldo Ribeiro, jornalista de merecimento, farmacêutico distinto e bom camarada.

Arnaldo Ribeiro, empresta ao *Democrata* a sua graça por vezes talhada em bom humor, e tem pelo nosso jornal a maior estima. Correspondendo de igual forma, saudamos *O Democrata* e desejamos por largos anos que continue a ser orientado e dirigido pelo seu digno Director e Proprietário.

As nossas cordeais felicitações.

Colega: obrigadinhos. Graça não temos nem pretensões disso. Agora, quando andamos bem dispostos gostamos de rir porque desopila o fígado e os medicamentos não são para gastar em casa...

* * *

A' autora das *crónicas alfacinhas* o nosso reconhecimento, também, pelas palavras amáveis que nos dirige a propósito do aniversário do jornal.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Roubo no Museu

Pelo respectivo guarda foi participado ao seu director, em fins do ano passado, o desaparecimento de alguns objectos, o que levou o nosso amigo e erúdito investigador, dr. Alberto Souto, a um minucioso trabalho perante o inventário de todo o recheio para apuramento das faltas. Entre estas notou-se a de um retrato de pequenas dimensões, representando a Princêsa Santa Joana vestida com o hábito das freiras dominicanas, isto além de várias preciosidades ali existentes, de comprovado valor artístico.

Posta a polícia ao corrente do sucedido e descoberto, sem muita dificuldade, o autor do delito, fácil lhe foi apreender tôdas as peças roubadas, aparecendo agora o quadro nas mãos de um particular, em Lisboa, que o comprara num *bric-à-brac* daquela cidade.

Êste crime, que o tribunal vai julgar, tem dado origem a comentários visto nêle estar envolvido um indivíduo muito conhecido no nosso meio.

Um drama íntimo

em que aparece uma carta de Camilo digna de ser lida com a maior atenção

Não sabemos se os leitores conheceram ou têm ouvido falar na sr.ª D. Maria Amália Vaz de Carvalho, que foi casada com Gonçalves Crêspo, tido como *o mais delicado, o mais impressivo, o mais meigamente vibrante dos poetas lusitanos daquêm e dalêm mar*...

D. Maria Amália Vaz de Carvalho era uma senhora culta, que se entregou à literatura, honrando, como poucas do seu tempo, as letras portuguesas. Foi um modêlo de esposa e de mãe; e quando a morte levou um dia seu marido ia enlouquecendo de paixão, de dôr, por não se conformar com a ausência eterna do ente querido. E' que no lar de D. Maria Amália Vaz de Carvalho nunca havia penetrado qualquer centelha de desgosto a perturbar a serenidade daquêle verdadeiro ninho de amor.

Mas o resto...

Um filho da desolada viuva recorda-o ao dr. Lopes de Oliveira nos seguintes termos:

Quando meu pai morreu... Dir-se-ia que no seu ataúde levara o coração de minha mãe. O seu pensamento não se arredava um instante daquêle transe de dôr. Dôr infinita! Dias e dias passavam... sem que ninguém a arrancasse àquêle pesar, prêsa tôda a sua vida à sacrossanta memória... Os seus olhos enevoavam-se sempre de lágrimas, que nem a presença, a vista dos seus filhinhos, conseguia estancar. Agonizava; o seu alto espírito apagava-se, como uma vacilante candeia que bruxoleia!

Seria possível salvá-la?

Alguém lembrou então um remédio heróico: remédio cruel, mas remédio.

E, assim, foi resolvido revelar-lhe certa correspondência que meu pai mantivera com uma senhora que decerto o admirava, e talvez o amasse também...

O choque foi brutalíssimo. Quando pôde compreender o que aquelas cartas significavam, ela, que nunca padera supôr tal de seu marido, o eleito da sua alma—que a cercara sempre de tantos afagos, de tão respeitoso carinho, de tão inalterável afecto—sofreu uma reacção de pavor; uma lancinante mágoa pareceu abalar os próprios fundamentos morais do seu ser, como a um crente que, sùbitamente, descresse, e se levantasse e afastasse, hirto, gélido, colérico do altar do seu Deus, que tomava, desenganado, por um falso ídolo.

Mas passou... Na mente esclarecida de minha mãe dissipou-se o fulgor satanico da tremenda revelação: pouco a pouco foi considerando serenamente aquêle drama íntimo.

Perdoou!

Ao ter conhecimento do que se passava, Camilo escreveu e enviou à sr.ª D. Maria Amália Vaz de Carvalho esta carta:

Minha querida amiga,
e Ex.ma Senhora:

Não sou dos que sorriem ao desabar das ilusões de V. Ex.ª, mas também não serei dos que condescendem em considerar legítima a sua dôr.

Tôdas as mulheres que tem ou tiveram um esposo ou um homem amado deviam levar á alma ressentida de V. Ex.ª palavras e exemplos pacificadores. Certos desvios de um dever convencional por parte do homem não são delitos que despedacem o coração da esposa: são fatais aberrações da besta primitiva a que o homem reverte como à sua origem. Essas estúpidas cegueiras perdoam-se aos vivos, e é mais forçoso, caritativo e santo perdoa-las aos mortos.

Além de que, se a deslealdade foi para V. Ex.ª, uma surprêsa lancinante, é certo que desleal em vida, não lhe inspirou suspeitas:—tanta foi a igualdade com que manteve o seu caracter de bom marido. Servem-me de argumento estas palavras de uma carta de V. Ex.ª: *Se soubesse como nos amavamos*... E', claro, pois, que a minha querida amiga não teve de sofrer afrontosas lesões na partilha de um amor que nunca se desmentira nos predicados que êle tem mais dignos de uma alma superior como a de V. Ex.ª. De resto, a prostituição da matéria, por parte do homem, é apenas um ínpeto de brutalidade mais ou menos efémera que predomina, deslumbra e afinal enoja. O que houve de adorável, imaculado e triunfante, ao pé do leito do moribundo foram as lágrimas de V. Ex.ª. Essas devem ter lavado tôdas as nodoas da sua memoria. Nunca V. Ex.ª foi mais anjo aos meus olhos do que nêste momento em que se volta compadecida para uma sombra suplicante e lhe perdôa.

O ciúme postumo deve ser uma flagelação, porque a dôr não teve o desafogo de atirar ao rosto de um vivo a acusação da perfídia. Eu compreendo essa angústia em um romance de Flaubert e melhor a compreendo na realidade, pela morte de lenta asfixia do Visconde de Menezes. Mas que imensa distância da veleidade material de um homem ao abandono da mulher que nunca se dá sem atirar primeiro o coração ao sevo das suas paixões.

Minha Senhora: V. Ex.ª decerto perdôa o pouco melindre com que intervenho nesta escura passagem da sua vida. Deixe-se levar pela luz dos seus filhinhos e será salva.

Ana Placido, envia a V. Ex.ª as saùdades de uma fiel amiga e eu, abraçando-a com afecto paternal, sou de V. Ex.ª

Mt.º Am.º e Cr.º

C. CASTELO BRANCO

Notável, por muitos titulos, o que nos períodos acima fica exarado, visto tratar-se duma sentença à altura de quem a proferiu.

Monumento a Lourenço Peixinho

para lhe perpetuar a memória na Avenida que tem o seu nome

SUBSCRIÇÃO

Transporte	2.550$00
Dr. Jaime Duarte Silva	500$00
Trindade, Filhos, L.da	1.000$00
D. João Evangelista, Arcebispo-Bispo de Aveiro	100$00
Carlos Marques Mendes	100$00
Conselheiro Arnaldo de Almeida Vidal (Lisboa)	1.000$00
João Eugénio Pereira Peixinho e sua mãe (Lisboa)	1.500$00
Soma	6.750$00

As quantias recebidas durante a semana, darão entrada, à segunda-feira, no Banco Regional.

Visitas

Veio ao *Democrata* agradecer e retribuir os cumprimentos que lhe endereçámos, o novo agente do Banco de Portugal nesta cidade sr. Fernando Augusto Fernandes, que se fazia acompanhar do escriturário sr. Alvaro de Magalhães.

Gratos pela gentileza da sua visita, que bastante nos penhorou.

FALTA DE LUZ

Tem-se notado na Avenida D. Lourenço Peixinho, causando reparos, principalmente às pessoas que de fora aqui vêm visitar a Feira.

O caso não é para menos por se tratar da principal artéria da cidade.

UMA HOMENAGEM

No Sindicato Cerâmico realizou-se, há dias, uma festa de homenagem ao presidente da Direcção, sr. Angelo Chuva, promovida por um grupo de amigos que tem pelas suas qualidades morais a maior admiração.

O seu retrato foi descerrado por Domingos Damas entre vibrantes aplausos, tendo feito uso da palavra dois membros da comissão que focaram os predicados que reune o homenageado, que, num breve e comovido improviso, agradeceu a surpreza que lhe fizeram, abraçando todos um por um.

Para terminar, realizou-se, depois, num restaurante da cidade, um jantar de confraternização que decorreu num ambiente familiar, tendo na altura dos brindes exteriorizado a sua satisfação alguns convivas, entre os quais Angelo Chuva, que teve palavras de carinho e reconhecimento para com os homenageantes, ao mesmo tempo que incitou os presentes a continuarem a trabalhar pelo seu Sindicato com a lealdade que sempre lhes reconheceu.

O Democrata, que só tarde teve conhecimento desta manifestação de simpatia, regosija-se, por a considerar merecida.

Cartas a uma amiga de longe

Abril, 1943

Minha querida:

Sabes que entre as raparigas com quem me dou, por acaso não há nenhuma que tenha pela religião mais do que aquêle respeito devoto, que tôda a mulher deve ter. Somos religiosas, somos católicas, mas não temos aquela mística que leva muita rapariga a comungar todos os dias e a viver constantemente iluminada pela idéa daquela outra vida, bem melhor do que èste *vale de lágrimas*, que se vai arrastando mais ou menos penosamente.

No domingo, porém, o acaso quis que passasse a tarde comigo uma destas raparigas. E a propósito do emblema da Juventude Católica Feminina que ela trazia consigo, ostentando-o até com grande orgulho, diga-se de passagem, a conversa rolou para Acção Católica e ali se manteve sempre, embora algumas vezes a tentasse desviar, por não gostar de discutir com as minhas visitas e sobretudo com as que faço um pouco de cerimónia, assuntos em que podemos não estar em absoluta comunhão de idéas. Mas quê? A jecista era profundamente entusiasta e não me foi difícil compreender que aquêle era o tema da conversação que mais lhe agradava. Fiz-lhe a vontade, como não podia deixar de ser e a tarde passou-se assim. O ambiente era pouco para discussões destas—numa janela, que abria para o largo da Feira de Março, onde uma multidão passeava em deslize ameno!... Mas algumas vezes o ambiente não tem significação...

Discutimos, amigàvelmente, é claro; cada uma defendeu os seus pontos de vista, ela com uma exaltação vibrante, bem própria dos seus dezasseis anos, e por fim creio que lá no fundo levou a impressão de que eu era *anti-jecista*, talvez porque, achando graça àquêle entusiásmo e gostando de a ouvir argumentar, eu tornasse a ofensiva cada vez mais vigorosa. Como sabes, embora não faça parte da Juventude Católica, não lhe sou hostil nem nada que se pareça com isso. Acho, até, simpático êsse movimento da rapariga pela educação da mulher do povo, da aldeia como da cidade, criando-lhe uma consciência. Infelizmente nalguns casos essa tarefa é árdua e a Acção Católica não resolve nada. Há muita gentileza de instintos ainda muito primitivos e essa não pode nem deve ser levada por gente nova e muito menos por raparigas... Mas se para alguns o resultado é nulo, para muitos a sua acção será benéfica e tudo aquilo que tem por fim elevar o nível moral da sociedade e espalhar pelo povo a educação cristã, merece apoio e simpatia.

Estás a ver o que a minha *antagonista* da tarde de domingo pensaria, se me visse hoje escrever-te assim. Talvez supusesse que foi ela que me *evangelizou* com os seus argumentos e que com mais outra tarde me leve a fazer parte também da Juventude Católica Feminina, que ela tão bem representa e tão entusiàsticamente defende.

Um abraço da

Zèmi

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Carta de Lisboa

Espírito novo e necessário

O sr. Prof. Doutor Marcelo Caetano, ilustre Comissário Nacional da M. P. publicou há pouco, no boletim daquela prestante e patriótica organização, um notável e oportuno artigo em que, mais uma vez, clama pela necessidade do desaparecimento do espírito velho, que tantos e tão grandes prejuízos causou e na substituição pelo tão necessário espírito novo, o único capaz dos grandes empreendimentos, o único que saberá realizar completamente a obra da Revolução Nacional.

Assim, em determinada altura, escreve:

«A verdadeira Revolução consiste em substituir um espírito velho já infecundo por um espírito novo capaz de se desentranhar em resultados benéficos para a nação.

Enquanto o espírito velho persiste, a reacção mina e destrói a obra revolucionária.»

E logo a seguir aquêle ilustre professor salienta:

«E o Estado Novo tem que entrar em fase de intenso combate. Exige-o o tempo que vivemos, reclama-o a ingência da sua realização integral.»

Expressão verdadeira e completa do panorama actual, as palavras que aí ficam bem merecem ser meditadas e tidas na melhor conta. Em boa verdade a todos nós cumpre fazer quanto em nossas fôrças caiba para que o espírito velho e derrotista, incapaz de compreender os grandes e naturais anseios do nosso tempo suceda o espírito novo e renovador, ao qual há-de, por fôrça, ser confiado o triunfo magnífico e completo da Revolução. Se por um momento tivessemos que admitir a hipótese de não existência dêsse espírito nós teriamos também que, implicitamente, confessar a nossa derrota. Por tudo isto, o espírito novo, renovador, galvanizante, há-de ser, creme-lo, o segrêdo magnífico da nossa indestrutível vitória.

A estação de Alcântara

Lisboa, e com Lisboa o prestígio do país, deve, desde há dias, mais um grande benefício ao Govêrno. Queremos referir-nos à nova gare marítima de Alcântara que ficou uma das melhores gares de todo o país. Depois da estação do Sul e Sueste, no Terreiro do Paço, depois do aliudamento de tôdas as gares do país, a nova estação marítima de Alcântara vem ser um melhoramento a mais dum título importantíssimo e digno do maior agradecimento, pelos muitos e grandes benefícios que vem prestar.

General Carmona

Passou, há pouco, mais um aniversário, o 15.º, da primeira eleição do sr. General Carmona, para a presidência da República.

Olhando o caminho percorrido nêstes três lustros e a grande obra nêles realizada, fàcilmente se tem noção completa dos muitos serviços prestados ao país pelo sr. Presidente da República.

A obra da continuidade governativa, tão patriòticamente realizada pelo Estado Novo, tem tido no venerando e ilustre Chefe do Estado, o melhor, mais esforçado e inteligente realizador.

Compreende-se, pois, que o país tivesse aproveitado mais esta oportunidade para acentuar a sua muita estima, a sua imensa consideração pela figura a todos os títulos eminente e ilustre do sr. Presidente da República.

Legião Portuguesa

Tomou recentemente posse do lugar de comandante distrital de Lisboa da L. P., o sr. coronel José Mousinho.

Pelo discurso pronunciado pelo ilustre militar, e ainda também pela garantia que os muitos serviços à nação e ao Estado Novo constituem, tudo indica que êste novo render da guarda, só sirva para mais e mais valorizar a já admirável acção do patriótico organismo.

CORDEIRO GOMES

Livros

Edições *Sirius*, de Lisboa, ofertou-nos *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, de Domingos Monteiro, e *Cinleandra* (a dança do amor e da morte) tradução de Lôbo Vilela.

Agradecemos. Como aos autores de outros livros recebidos e aos quais havemos de vêr se dentro em breve aqui deixamos as nossas impressões sôbre êles.

Da Lira do Amôr

Só ama a Deus...

Ser bom... ser virtuoso... ser correcto...
Dos velhos respeitar a santa idade...
Ensinar a virtude à mocidade...
Aos pobres ter acrisolado afecto...

Ter a mentira como crime abjecto...
Ter como norma sempre a sã verdade...
Desprezar a lisonja e a vil vaidade...
Ser para todos qual irmão dilecto...

De todos ser um salutar exemplo...
Sòmente ao Bem erguer altar ou templo...
É tudo quanto os homens santifica.

Praticai os ditames da virtude.
Sòmente assim as almas têm saúde:
Só ama a Deus o que só Bem pratica.

Dá Mesquita

Feira de Março

Desde domingo que a Primavera, mudando de feição, tem concorrido para que o Rossio se anime e os feirantes façam algum negócio. Nêsse dia muita gente veio à cidade comprar e divertir-se. Foi o que se chama um dia cheio a-pesar-da falta de transportes. Nos outros, dizem os que vieram tratar da vida—debicou-se.

Resta que o tempo se conserve. Se assim acontecer, todos hão-de lucrar porque, nos outros anos, tem sucedido, mais ou menos, a mesma coisa.

Nota predominante: as *farturas* a aguçarem o apetite dos transeuntes. Antigamente era o peixe frito. Mas como os costumes são outros, ninguém reponta e todos comem, não tendo o Casal um momento de descanso para servir a escolhida clientela que lhas pede a tôdas as horas como as *mães sem leite* a Vitalose...

Decididamente êste Casal vai levar, êste ano, de Aveiro, outra *fartura* de notas...

* * *

O primeiro festival a realizar no recinto da Feira está anunciado para o dia 11 com a apresentação do *Grupo de Pauliteiros*, de Miranda do Douro, e concêrto pela Banda da Companhia V. S. P. Guilherme Gomes Fernandes, desta cidade.

Será queimado fôgo de artifício.

Turismo

A convite do S. P. N. reuniram, em Lisboa, os delegados das Comissões e Juntas de Turismo de todo o país.

O Director daquêle alto organismo a que estão afectos os assuntos turísticos, apontou os principais problemas a encarar de momento. São os seguintes: atrazo, em geral, na nossa indústria hoteleira; ausência de elementares medidas de higiene em certas chamadas zonas de turismo; espectáculo degradante da mendicidade; mau gôsto da publicidade turística, promovida por certos organismos; falta de utilização da riqueza folclórica das várias regiões turísticas.

Postos assim em equação o que poderíamos chamar, com propriedade, os pontos cardiais do Turismo em Portugal, António Ferro deduziu, depois, sugestivos considerandos que resolvem, em sua opinião, o problema do turismo.

Se dissermos, agora, que as palavras do Director do S. P. N. criaram um ambiente de *vontade prática*, andaremos dentro da verdade.

Por isso, estamos em afirmar que na reünião dos delegados das Comissões e Juntas êstes deram um passo em frente—passo forte, enérgico, decidido—para o desenvolvimento do turismo em Portugal.

Vamos embora. E' andar. Porque a guerra não se eternizará e depois...

Benemerência

—o—

Passando hoje o primeiro aniversário da morte do sr. José do Nascimento Leitão, entregou-nos sua filha a sr.ª D. Alda Leitão, a quantia de 50$00 para distribuirmos pelos nossos pobres, o que vamos fazer, contemplando, em partes iguais, os seguintes:

Pedro de Sousa, R. de Santo António; Adelina de Assis Almeida, R. Eça de Queiroz; António Maria Gaspar, R. de Sá; Aurea de Lemos, idem; Raul de Carvalho, R. Aires Barbosa; Joana Mofa, R. do Carril; Maria José de Lemos, R. das Olarias; António Pinho das Neves, R. de S. Roque; Maria das Dôres, R. 16 de Maio e Conceição Tainha, R. da Granja.

A' sr.ª D. Alda Leitão aqui fica exarado o nosso reconhecimento pela sua generosidade.

—I-o-I—

Companhia Rentini

— o —

Retirou desta cidade depois de dar o último espectáculo na noite de terça-feira, que reverteu a favor da Associação H. dos Bombeiros Voluntários, a Companhia que trabalhava num salão metálico instalado na Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

Foram vinte e seis as representações, quási tôdas com casas *à cunha*, chegando-se, em algumas, a vender bilhetes suplementares.

Um verdadeiro sucesso!

Atenção para a 4.ª página

Á MARGEM DA GUERRA

UM TORPEDO PRESTES A OCUPAR O SEU LUGAR, A BORDO DE UM CONTRA-TORPEDEIRO INGLÊS DE UMA FORÇA NAVAL

Crónica alfacinha

A mulher e a pintura

Quem de manhã vai apressado para os seus empregos não pode observar nada de especial porque tôda a sua atenção se fixa nos electricos sempre demasiadamente cheios e que nos obrigam a caminhar ruas e ruas, debaixo da chuva impertinente, de inverno, ou do sol abrazador, de verão.

Mas quem de tarde, à hora do *five o'clock tea*, seguir pelas ruas da Baixa, julgar-se-á em pleno carnaval!

As senhoras não sabem já de que côr devem pintar os cabelos. Uns são dum louro tão desmaiado que parece amarelo; outros côr de tijolo; há-os que parecem um mostruário de tintas de drogaria, começando pelo louro claro das pontas e depois de passarem por vários tons chegam até ao castanho escuro! Mas o que mais me tem divertido são os cabelos azuis das senhoras de certa idade. Para os não terem brancos dão-lhes um tom de azul arroxeado!...

Já viram cabelos naturais desta côr? Há-os pretos, castanhos, loiros, ruivos mas azuis, não!

Há senhoras que usam na cara enormes pastelões côr de romã, maranjados, côr de tangerina, lilazes, tudo menos o natural.

Substituem as sobrancelhas, que às vezes são verdadeiramente bonitas, por um fino traço de crayon; engraxam as pestanas com qualquer pomada escura, pintam a bôca com côres disparatadas e, ei-las saltitando gentis a caminho das casas de modas, dos chás, das *matinées*, etc.

Concordo que a mulher procure realçar os seus dotes físicos ou encobrir os defeitos pela maquillage; mas esta pintura sem gôsto e tão disparatada, longe disso: só desfeia a mulher porque a torna perfeita máscara.

A mulher deve cuidar-se, procurar não envelhecer, tornar-se dia a dia ágil e bonita. Para isso vem em seu auxílio a química e a medicina; mas abusar destas armas para se transformar em figura ridícula, que nada tem de feminino, acho estúpido.

Não é do nosso tempo a pintura. Ela usou-se no Egito, na Grécia Antiga, em Roma; mas creio bem que nenhuma dessas antigas mulheres se punham na rua como as do nosso século.

Pensam as senhoras que os homens gostam mais delas por isso? Puro engano! Mesmo assim êles sabem distinguir o belo do feio e quanto mais modestia mais moral e quanto mais moral maior apreciação. Embora vivamos no século do capitalismo e do absurdo ainda há quem faça excepção.

Não me julguem uma velha de cabelos brancos e face enrugada, prêsa a preconceitos antigos. Eu tenho vinte e sete anos e como tôdas as raparigas o desejo de agradar. Também uso baton, pó de arroz, perfumes, mas não me mascaro.

Que me desculpem as meninas cinéfilas, de olheiras azuis, cabelos platinados e unhas côr de sangue...

de Palermo

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 1, a sr.ª dr.ª D. Natália Malaquias, digna professora do Liceu de José Estêvão; hoje fá-los o sr. José Alves dos Santos, de Coimbra; àmanhã, a sr.ª D. Maria Celeste Soares Ferreira, esposa do sr. António da Costa Ferreira; no dia 5, o sr. Virgílio de Almeida, chefe da Estação Telégrafo-Postal; em 6, a sr.ª D. Branca Augusta Gomes Guimarães, esposa do sr. dr. Francisco do Vale Guimarães, chefe dos Serviços de Propaganda dos C. T. T., e as meninas Maria da Conceição e Maria de Lourdes Azevedo, filhas do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante e industrial em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); em 7, a sr.ª D. Maria da Luz M. Lima Pinto, esposa do sr. Artur José Pinto Júnior, residentes no Pôrto; em 8, as sr.as D. Virgínia Serrão Alvarenga e D. Emília de Oliveira Dias, esposas, respectivamente, dos srs. Pompeu Alvarenga e José da Paula Dias, e em 9, a sr.ª D. Maria La-Salete Sarabando Vinagre, esposa do sr. Manuel Moreira Vinagre; a menina Maria de Pinho Gilvaz, irmã da sr.ª D. Rosa Gilvaz Magalhães, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o sr. Alvaro da Rosa Lima, funcionário do ministério da Marinha.

Gente nova

No Pôrto teve o seu feliz sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a nossa conterrânea sr.ª D. Maria José Mota Lima, esposa do sr. Luciano Marques Lima, ali residentes.

Com os nossos parabens aos pais da recem-nascida, a esta desejamos um futuro ridente.

Partidas e Chegadas

Veio de Cassequel (Angola) para a companhia de seus tios, o sr. Manuel da Silva Félix e esposa, o menino Raúl de Lemos, filho do sr. Abel de Lemos, ausente naquela cidade africana.

—Estiveram nesta cidade os srs. João Godinho de Almeida, empregado no Banco Borges & Irmão, do Pôrto; dr. Angelo Baptista, médico na Murtosa; Julio Ferreira Dias, funcionário dos correios em Anadia, e João de Faria e Silva, chefe da Secção de Finanças de Matosinhos.

—Também aqui se encontra a gozar a licença o sr. Celestino Neto, aspirante de Finanças em Castelo de Paiva.

Visitai o Parque da Cidade

NECROLOGIA

Vitimado por uma hemorragia cerebral, finou-se ante-ontem de madrugada o sr. João das Neves, natural de Condeixa-a-Nova, onde era muito considerado e que, acidentalmente, se encontrava nesta cidade.

O extinto contava 75 anos, era pai dos srs. dr. Manuel das Neves, advogado na comarca, e João Neves, secretário da Câmara de Seia, e entre os numerosos netos contam-se os estudantes Fernando, Manuel e Alvaro Neves, alunos da Universidade de Coimbra.

O seu cadáver foi sepultado no cemitério novo, aonde o acompanharam, além da família judicial, outras pessoas das relações dos doridos.

* * *

Em Arouca finou-se esta semana o conceituado farmacêutico sr. Agostinho José Gomes de Pinho, que há msses tinha enviuvado.

Deixou um filho e uma filha casada com o sr. dr. José Dias Ferreira, proprietário e director técnico do *Laboratório Nostrum*, desta cidade, a quem enviamos condolências.

Associação dos Pupilos do Exército

Foram eleitos, em Assembleia Geral, os novos corpos gerentes desta Associação, com sede em Lisboa, que ficaram assim constituidos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, José da Cruz Barroso Júnior; *vice-presidente*, dr. Luizélio Furtado Saraiva; *1.º secretário*, Raul dos Santos; *2.º*, João Maria Bento; *substitutos*, António Nunes dos Santos e António Areias Peixoto.

DIRECÇÃO

Presidente, prof. Augusto Ferreira Raposo; *vice-presidente*, Ludgero França de Carvalho; *1.º secretário*, António Coelho da Fonseca; *2.º*, Aurélio Marcio Alves da Costa; *tesoureiro*, Manuel Alves do Espírito Santo; *vogais*, Acácio Calisto F. Ramos e António Fausto Gomes de Carvalho; *substitutos*, Alberto da Silva Santos Lino, Timoteo Maria Adega e Oscar Jardim Cascais.

CONSELHO FISCAL

Dr. Manuel José Lucas de Sousa, tenente Alcino Julio Pires e Carlos Castanheira.

Substitutos

Alberto Pinto de Almeida Rocha, Anteo do Quental Ramos da Assunção e Fernando Gabriel Ferreira de Castro.

A posse realizou-se no dia 4 de Março, ficando deliberado que as reüniões ordinárias da Direcção se efectuem às quintas-feiras, pelas 18 horas.

Albergue de Mendicidade

TRANSPORTE . .	2.668$00
Dr. José Maria da Silva . .	100$00
António Rabumba, carpinteiro	1$50
António Deus da Loura, pescador	1$00
António Maria Borrego, encadernador	2$50
Pedro Simões Instrumento, marnoto	1$00
Ricardo Ferreira Patacão, marnoto	1$00
D. Benedita Vieira Decrook .	2$50
Manuel dos Santos Calisto, marnoto	1$50
Lino Rodrigues Paula, marnoto	1$00
D. Maria Julia Picado Rocha	3$00
D. Olinda Tavares Abrantes	1$00
Albertino Bizarro, func.º aposentado	6$00
D. Maria da Purificação Tavares	2$50
José da Rocha Trindade, emp.º comercial	2$50
Neftali Duarte, sapateiro .	1$50
Izidro Vieira Lopes, 2.º sargento do R. I. n.º 10 . .	1$00
D. Maria Augusta Duarte .	1$50
António Ferreira de Andrade, alfaiate	5$00
José Robalo, ajudante da Secretaria Notarial . . .	5$00
João da Naia Micael, marnoto	2$00
Joaquim da Naia Fortes, marnoto	1$50
Elias dos Reis Cavaco, marnoto	1$00
D. Anunciação Nunes da Silva	2$50
Fernando de Almeida, serralheiro	1$50
Pompeu Augusto Duarte, barbeiro	1$00
Rufino Lopes dos Santos, pintor	1$00
Matias da Silva, negociante .	2$50
Luiz da Cruz Novo, marnoto	1$00
Carlos Rodrigues da Paula, proprietário	5$00
Francisco Lourenço da Costa, tenente da G. N. R. . .	5$00
António Ernesto de Almeida, oficial do Exército . . .	5$00
André Ramos, vendedor ambulante	5$00
Inocêncio Soares, emp.º público	2$50
José da Cruz Novo, negociante	5$00
Francisco M. Oliveira, comerciante	2$50
António Vieira dos Santos Carlos, comerciante . . .	1$50
Manuel Gamelas da Naia, comerciante	2$50
José Pinho das Neves, motorista	1$00
Francisco dos Passos da Cruz, negociante	3$00
A TRANSPORTAR. .	2.881$00

Visitai o Parque da Cidade

Parabens

Por ter sido nomeado oficial encarregado da Delegação do Comissariado do Desemprêgo de Aveiro, mediante concurso, o meu amigo João da Silva Cravo Júnior, que obteve bôa classificação, envia-lhe um grande abraço

UM AMIGO DE LONGE

Quem achou?

Tendo perdido nesta cidade uma carteira o sr. António Vieira, da *Padaria Bijou*, de Albergaria-a-Velha, roga-se a quem a achou a fineza de entregar os documentos nesta Redacção.

AVISO

Venho por êste meio prevenir tôdas as pessoas de que não me responsabilizo por dívidas contraídas por meu irmão João Marques da Maia.

Aveiro, 1 de Abril de 1943.

CARLOS MARQUES MENDES

Música

Um diplomado pelo Conservatório de Música do Pôrto com as mais elevadas classificações, instrumentista e compositor, apto para a Direcção de Orquestra, Banda e outros agrupamentos de carácter elevado, aceita contrato para a regência de quaisquer destas especialidades.

Dirigir a esta Redacção.

Agradecimento

Reparando qualquer falta que possa ter havido, venho desta forma agradecer muito reconhecido a tôdas as pessoas que assistiram ao funeral de minha querida esposa Deolinda dos Reis e Sousa. Muito reconhecido agradeço também às pessoas que assistiram às missas do 3.º e 7.º dia em sufrágio da sua alma, às que na minha casa no Pôrto e no hospital desta cidade a confortaram com a sua visita e finalmente às que se interessaram pelo seu estado.

A todos o meu reconhecimento.

ABEL PEDRO DE SOUSA

Aos Conimbricenses e Amigos de Coimbra residentes no distrito de Aveiro

Sob a designação de *Grupo Amigos de Coimbra*, fundou-se, na cidade do Mondego, em 25 de Fevereiro findo, uma nóvel colectividade, constituida por conimbricenses e amigos de Coimbra que nela residam ou não, destinada a defender os interêsses citadinos e da região e a fazer a sua propaganda monumental, artística, folclórica etc. etc. além de também cuidar de várias modalidades da sua defesa, de harmonia com as condições da vida moderna e com um vasto programa de realizações, visando a prestigiar e dignificar o nome de Coimbra e da sua região.

Uma das bases fundamentais do seu estatuto é manter a ligação espiritual entre todos os naturais de Coimbra espalhados pelo território do Império Português e estrangeiro e entre os que o não sendo estão, todavia, a ela ligados pela simpatia e pela saúdade.

O novo Grupo, que tem sido carinhosamente acolhido, e que conta já centenas de adesões, recebe gostosamente as inscrições que se lhe queiram dar, enviando-as para a sua Comissão Administrativa—Rua Dias Ferreira, n.º 36, r/c—Coimbra. A cotização é acessível a todos—jóia 2$50 e cota 12$00 anuais; pelo que se pede aos conimbricenses e amigos de Coimbra, residentes em Aveiro e no seu distrito, que deem a sua adesão a tão simpática como interessante colectividade.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre . .	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso .	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Correspondências

Oliveirinha, 1

A Casa do Povo desta freguesia, que já se encontra em plena actividade, mercê dos inúmeros esforços que a presente Direcção tem dispendido, principiou a distribuïção de milho aos pobres que dêle necessitam.

Tem sido estudo aturado e cuidado da parte directiva da Casa do Povo aquela distribuïção, pois que dentro da melhor eqüidade e justiça, procura contentar a todos com o mesmo espírito de imparcialidade e rectidão.

No entanto, como é grande a falta de tão precioso cereal até entre aquêles que vivem mais remediados, queixam-se êstes de que também haviam de ser contemplados; mas em primeiro lugar estão os pobrezinhos, aquêles cujo salário e modo de vida não comportam grandes aumentos às tabelas, porque até mesmo à tabela Deus sabe quanto lhes custa.

E' bem que todos se convençam disto e olhem as coisas como deve ser.

E se muitas vezes acontece a Casa do Povo distribuir, talvez indevidamente, milho a quem direito lhe não pertença, com prejuízo manifesto de outrem, devemos tolerá-lo porque ela age por informações, e muitas vezes a responsabilidade disso incide sôbre o informador, que também por culpa própria ou sem ela, é o principal responsável.

Porém, todos devemos ficar certos de que a Casa do Povo procura sempre a maior justiça a bem do povo desta freguesia.

Numa época de crise que atravessamos, êste milho veio fornecer o pão a muitíssimos lares que havia muito tempo dêle estavam privados.

Bem hajam, por isso, o sr. Governador Civil, o sr. Presidente da Câmara e ainda o sr. Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência pela sua actuação no assunto, que só traduz comiseração e carinho para com o povo confiado à sua acção de governantes.

P.

Esgueira, 1

A Junta de Freguesia mandou podar as árvores da Alameda 31 de Janeiro. Pena é que aquela entidade não tenha recursos para mandar reparar convenientemente êsse aprazível recinto, que noutros tempos foi a *sala de visitas* da nossa terra.

Paciência...

—Filiou-se recentemente na Associação A. de Natação a Secção Desportiva da nossa Casa do Povo. Os seus dirigentes estão empenhados em desenvolver a prática dos desportos dentro daquêle organismo.

—Sabemos que foi pedida em casamento pelo sr. dr. Alberto Machado, para o sr. Jaime de Figueiredo, a interessante Maria José da Silva Dias, filha do sr. João Jerónimo Dias.

Que a felicidade os acompanhe.

C.

Aradas, 1

Anda a Casa do Povo empenhada no sentido de levar a efeito, senão ultrapassar, o programa de benefícios apresentado e a conceder aos sócios daquele organismo.

Não é, porém, sem dificuldades que o plano terá a sua inteira consecussão, por quanto a sua orgânica encontra freqüentemente grandes obstáculos que, embora transponíveis, tornam morosa a seqüência do caminho encetado.

No entanto, os seus dirigentes lá vão singrando, rompendo tôdas as dificuldades inerentes ao sistema, mercê duma vontade desinteressada e duma luta sem tréguas. E, assim, numa atitude a todos os títulos digna de encómios, iniciaram, no princípio do ano a sua obra de acção social, estando já a conceder subsídios, quer por doença, quer por morte, aos sócios que deles têm necessitado.

P.

EDITAL

Jayme Eloy Moniz, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial

Faz saber que F. Alves Moimenta, L.da, requereu licença para instalar uma fábrica de corte e secagem de chicória, incluida na 3.ª classe, com os inconvenientes de trepidação e perigo de incêndio, situada em Aveiro, junto do Canal de S. Roque, freguesia da Vera-Cruz, concelho e distrito de Aveiro, confrontando do norte com via pública e Canal de S. Roque, ao sul e nascente com terrenos de António Cabica, e poente com terreno e refinação de sal de Elisiário Moreira.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalúbres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de trinta dias, a contar da data da publicação e afixação dêste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo número 7.646 nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, 17 de Março de 1943.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição,

Jayme Eloy Moniz